



REDE
TEMPO
BRASIL



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

Pátria e nação na imprensa periódica militar (1850-1882).

Fernanda de Santos Nascimento¹

Resumo: Este artigo tem por objetivo apresentar uma das características que irão compor o ethos da classe militar brasileira do Oitocentos: a relação dos militares com a pátria e a nação. Tais elementos são importantes constituintes do discurso de formação institucional das forças armadas brasileiras, no contexto de formação dos exércitos nacionais. A imprensa será o canal de difusão de ideias e diálogos escolhidos pelos militares, sobretudo após 1850. Nesse sentido, a imprensa configura-se como importante campo de definição da classe militar no Oitocentos.

Palavras- chave: História Militar; Pátria e Nação; Imprensa Periódica Militar.

Nation in the military periodical press (1850-1882).

Abstract: This article aims to present one of the characteristics that will make up the ethos of the Brazilian military class of the 19th century: the relationship between the military and the homeland and the nation. Such elements are important constituents of the discourse on the institutional formation of the Brazilian armed forces, in the context of the formation of national armies. The press will be the channel for disseminating ideas and dialogues chosen by the military, especially after 1850. In this sense, the press appears as an important field of definition for the military class in the 19th century.

Keywords: Military History; Homeland and Nation; Military Periodical Press.

PÁTRIA E NAÇÃO NA IMPRENSA PERIÓDICA MILITAR (1850-1882)

NASCIMENTO, F. S.

Introdução

A imprensa ganha forma no Brasil após a chegada da família real, em 1808, a partir da publicação da *Gazeta do Rio de Janeiro*. A partir de então, e sobretudo após a independência, a imprensa irá se firmar como campo de discussões políticas e vivências, servindo como parte integrante importante da sociedade imperial do oitocentos. Já a partir da década de 1830 podemos perceber a existência de periódicos de caráter militar, notadamente escritos por militares. Estes periódicos terão a sua existência e periodicidade consolidada a partir dos anos 1850 e se tornarão importante canal para que os militares brasileiros reflitam e publiquem suas opiniões, formando um importante campo de pesquisa.

A imprensa periódica militar é fruto também do processo de institucionalização das forças armadas nacionais no contexto da consolidação do estado-nação no século XIX. Sua existência é observada em várias nações, sobretudo europeias, com o fim de marcar a presença das forças armadas no campo da imprensa, da publicação de periódicos, do ensino e também da pesquisa científica. Nesse sentido, entendemos a existência da imprensa periódica militar no Brasil como fenômeno ligado a consolidação do estado imperial, fruto das reformas conservadoras da segunda metade do século, e também com a necessidade de se institucionalizar a carreira militar. Portanto, a imprensa parece ser um canal seguro de concepção de um discurso que valorizava as características militares, criando mesmo um discurso de si, ressaltando a todo o momento pontos positivos da profissão militar.

Os periódicos militares exaltam a necessidade de sua existência e se voltam, de forma quase que exclusiva, ao público militar. Usam a imprensa como forma de apresentar os atributos da classe militar e como forma de defender os interesses e os direitos da classe militar. Aos redatores, ao longo das décadas, a classe militar é descrita como uma instituição suprema no concerto nacional, porém, não compreendida e mesmo não contemplada pela política imperial. Logo, a imprensa torna-se o canal de sucessivos grupos de militares que buscam dar voz às suas concepções e convicções não apenas acerca de sua própria instituição, mas também acerca do cenário político observado pelos redatores, com relação à instituição militar.

Este artigo é fruto de tese de doutorado dividida em duas partes: na primeira, se explora a existência da imprensa periódica militar enquanto campo de estudo e suas características; na segunda parte, vários periódicos foram estruturados e organizados com base na análise de conteúdo, a fim de se comprovar algumas hipóteses de pesquisa.^{II} Neste artigo, está em análise o discurso sobre a pátria e a nação no contexto dos periódicos militares. Qual a definição, na visão dos autores militares, de tais conceitos e como estes conceitos se articulam com a institucionalização das forças armadas brasileiras no Oitocentos?

Patriotismo como característica militar

Uma das características mais importantes do militar no século XIX é o seu patriotismo. O amor pela pátria é condição essencial para qualquer homem que desejasse seguir a carreira das armas. O assunto é bastante comentado pelos redatores dos periódicos. O Exército é a principal instituição ligada à pátria, seja pelo discurso, seja pelo sentimento de pertença. Em 1854, por exemplo, os redatores de *O Militar* consideravam “o soldado – defensor da pátria – garante da tranquilidade pública, o mantenedor da integridade do império!”.^{III}

A utilização de Pátria associada às forças armadas nacionais é uma particularidade do discurso militar. Possivelmente, a ligação tem relação com a propriagênese das forças armadas nacionais, fruto da centralização estatal e do monopólio da violência objetivado pelo

PÁTRIA E NAÇÃO NA IMPRENSA PERIÓDICA MILITAR (1850-1882)

NASCIMENTO, F. S.

centralismo político. Portanto, o amor à pátria faz parte do espírito militar – ou *ethos* – da maior parte das forças armadas. No Brasil, a formação do Estado incluiu, antes de tudo, a organização de um exército profissional, começando pela adoção de um código militar (Código do Conde Lippe, em 1767), e, posteriormente, de uma Academia Militar (1811), instituição que deveria propagar o *ethos* militar nos jovens desejosos de seguir a carreira das armas. Este *ethos* militar é baseado, de forma geral, nas noções de honra, patriotismo, virilidade e camaradagem. O *ethos* militar vai ser construído através da oposição simbólica com os civis e esta relação está presente, em menor ou maior grau, na história de todos os países modernos. Tais elementos formadores do *ethos* militar mantêm elementos comuns a todos os países, como os sentimentos de honra, patriotismo, abnegação e camaradagem, por exemplo.^{IV} No caso brasileiro, esta oposição para a formação do discurso militar – o *ethos* institucional – será construída pela oposição entre a classe militar e a classe política. Na análise dos periódicos é bastante clara essa associação, que serve para a construção de um discurso positivo sobre o que é ser militar, cujas características principais são a honra e o patriotismo.

Um articulista do *Indicador Militar* (1862) sintetizou bem o sentimento pátrio nas páginas do periódico:

Esses mesmos que muitas vezes teriam dito nas saturnais do egoísmo - *minha pátria sou eu* – arrastados pelo entusiasmo da massa geral do exército – porque a massa geral do exército é *sã*, desinteressada e patriota – no momento supremo da luta, não poderem deixar de unir suas vozes à dos valentes que bradavam, pelejando em terra inimiga - *nossa pátria é nossa bandeira*.^V

O trecho tem relação com a pátria, mas ainda assim remete às características militares observadas pelos redatores: a massa geral do exército é *sã*, desinteressada e patriota. O patriotismo qualifica os membros da instituição, da mesma forma que contribui para a formação do discurso positivo em relação a ser e pertencer à classe militar. O patriotismo acaba, assim, acompanhado de outras qualidades como o desinteresse e a integridade.

Lucien Febvre ressalta como o estudo da origem das palavras é importante para entendermos e compreendermos o seu significado em determinado período histórico. As palavras tendem, muito antes de aparecerem impressas, a existir, e o seu significado atribuído é fruto de décadas ou mesmo séculos de desenvolvimento. Além disso, é necessário atentar ainda para o complemento das palavras, pois uma palavra dificilmente está isolada: “uma palavra não tem valor para o historiador isolada das outras palavras que atraindo e que a atraem, ou que repele ou que a repelem”.^{VI} Nesse sentido, fizemos uma experiência com as palavras “pátria”, “nação”, “brío”, “honra” e “classe militar”, que pode ser consultada em nosso apêndice metodológico. As constatações aqui expressas são síntese do processo de análise, sobretudo em relação às palavras.

Discutir a existência da classe militar e de suas principais características – a honra e a relação com a pátria – é questionar o papel da imprensa periódica militar na formação deste discurso. Os diversos periódicos impressos durante a segunda fase da imprensa militar e a quantidade de ocorrências das palavras *honra* e *pátria* levam o pesquisador a questionar o significado destas palavras para os redatores. Os militares não são um grupo homogêneo, são um grupo formado por diversos grupos distintos, com interesses distintos, sobretudo no século XIX, quando não existia uma formação padrão para o oficialato do Exército brasileiro. A honra é o caráter definidor da classe militar; é a honra, e seus atributos, que conferem nobreza ao militar. Mas, para os redatores dos periódicos, a pátria também é honrada. A honra, portanto,

PÁTRIA E NAÇÃO NA IMPRENSA PERIÓDICA MILITAR (1850-1882)

NASCIMENTO, F. S.

emana do espírito militar e também da pátria. O patriotismo e a honra, portanto, são os principais elementos que caracterizam e definem a classe militar em oposição à classe política imperial.

Para Febvre, pátria é uma palavra muito mais recente, uma palavra de formação erudita, uma palavra do século XVI, que só começou a assumir seu verdadeiro sentido lentamente, junto às elites. O patriotismo do século XVI é essencialmente camponês e local. A palavra pátria passa a ser usada no francês por influência da língua italiana, no século XVI. Neste período, “a palavra, tem ressonâncias carnis e sentimentais profundas. Ela evoca a terra, os mortos; a terra, esse grande ossuário dos mortos”.^{VII}²⁰² Ou seja, para o autor, a palavra pátria tem ligação com a terra, com a própria vivência em determinado local. A palavra só assume um sentido mais forte e amplo no século XIX, acompanhando o ideal da nação.

A pátria vai possuir também algumas variantes: patriota e patriotismo, por exemplo. O patriotismo é um neologismo da palavra pátria, e surgiu no contexto da cultura *res publicana* britânica. De acordo com Fernando Catroga, o século XVIII foi o século do *cosmopolitanismo*, e também do *patriotismo*. O termo surgiu por volta de 1726, e algumas décadas depois já era observado no francês e no castelhano. O autor ressalta que, entre 1770 e 1792, todos os movimentos revolucionários foram conhecidos como patriotas. Os textos de Montesquieu e Rousseau popularizaram o novo conceito de pátria, elevado agora à categoria de “religião civil” composto por símbolos e ritos, indissociável de um projeto de educação nacional.^{VIII}

Para Rousseau, o patriotismo não seria resultado da relação dos indivíduos com a terra em que nasceram, e sim um sentimento que deveria ser desenvolvido nos cidadãos dos Estados. Jaucourt, responsável pelo verbete *patriotisme* na Enciclopédia de 1765, concluiu que o amor da pátria seria a melhor virtude da sociedade, aquela que seria o sustentáculo da sociedade política. A pátria, e sua definição, se inserem no vocabulário político dos revolucionários do século XIX, nas revoluções da península Ibérica e também nos processos de independência das colônias americanas. Para Catroga, foi a pátria – e o patriotismo – a força ideológica propulsora da consolidação do Estado-Nação, entre os séculos XVIII e XIX.

Durante a Revolução Francesa, a palavra retoma um significado iluminista, em defesa daquilo que é público, significando a defesa de uma “série de valores associados à liberdade política e compôs o elenco de mitos sobre a unidade dos franceses em torno de alguns princípios revolucionários”.²⁰⁴ No mundo ibérico, a palavra passou por mutações, influenciada pelas reformas políticas efetuadas pelos Impérios ibéricos no século XVIII.

Em 1854, os redatores do periódico *O Militar* definiram, em suas páginas, o que significava pátria:

O amor da pátria é uma das qualidades que deve caracterizar o homem de guerra; sem ele o dever pode ser cumprido, porém o heroísmo nunca se desenvolverá. E o que é a pátria? Será o torrão em que nascemos, a terra que pisamos? Não: é a habitação de nossas famílias, o túmulo de nossos maiores, são esses lugares que nos trazem à memória a lembrança de nossos avós, que nos recordam sempre seus exemplos e para os quais olharemos com total indiferença.^{IX}

A pátria pressupõe amor; e sem o amor não pode um soldado servir no campo de batalha heroicamente. O heroísmo só existe ligado ao amor à pátria. Os redatores também definem a pátria: uma definição territorial. A pátria carrega um sentido afetivo, sempre relacionado ao país dos pais ou país natal – um vínculo primário, portanto. A pátria tem relação com um pertencimento cultural, permeado de sentimentalismo e emoção.

PÁTRIA E NAÇÃO NA IMPRENSA PERIÓDICA MILITAR (1850-1882)

NASCIMENTO, F. S.

O amor à pátria pressupõe ainda outras características e significados para os redatores. A morte no campo de batalha por amor à pátria produz glória ao soldado. A glória, como vimos, pode ser também um sentimento constitutivo da honra. Logo, apátria é honrada e tanto o serviço quanto a morte produzem um sentimento ao homem militar que é inacessível a outras classes da sociedade. Se existir a vitória, os louros serão duradouros, e quase eternos. O amor pela pátria é familiar, é de filho para mãe:

No lar doméstico, acariciando a esposa e apreciando as pueris graças do filho, se soa a corneta e nesse som, talvez uma sentença de morte ele tudo esquece, fecha os olhos ao desolado pranto da esposa, serra os ouvidos aos pungentes ais do filho, e receoso da sorte, pungido pela dor acerba da saudade, corre ao campo da peleja a buscar ou um fim glorioso, ou os louros imarcescíveis da vitória: se a pátria folga, ele exulta; se a pátria geme, ele pranteia; é o verdadeiro tipo do amor filial, que abafa e faz calar todos os outros sentimentos! ^X

A pátria tem ligação com uma palavra irmã, a nação. A nação é tida, por uma forte corrente interpretativa, como uma criação do Estado moderno, uma entidade imaginada que serviu para legitimar os discursos de centralização política.^{XI} É consenso entre os historiadores e investigadores sociais a dificuldade em definir a nação, e mesmo as suas origens. A principal corrente de análise compreende que a nação é uma construção da modernidade, sobretudo a partir de 1789. Portanto, a ideologia e o simbolismo do movimento nacionalista são fruto da industrialização, da necessidade de legitimação das elites econômicas e também de novas formas de espaços culturais, como a imprensa, por exemplo. Os modernistas divergem quanto à forma, mas acreditam que o nacionalismo é um fenômeno moderno, tendo como referência a Revolução Francesa, em 1789, pois não existe uma ideologia relacionada à soberania e à questão da lealdade à nação antes disso. O nacionalismo é fruto, portanto, da idade moderna.^{XII} Embora o termo *nação* possa ser encontrado de forma relativamente frequente em escritos anteriores à Revolução Francesa, sua ligação com a soberania e com a política é moderna.

Para Hobsbawm, “a nação pertence exclusivamente a um período particular e historicamente recente. Ela é uma entidade social apenas quando relacionada a uma certa forma de Estado territorial moderno, o Estado-nação; e não faz sentido discutir a nação e nacionalidade fora desta relação”.^{XIII} A Revolução Francesa foi responsável, portanto, pela difusão do caráter político de nação, além de associá-la com a ideia de soberania. Para Fernando Catroga:

Uma coisa é certa: os conceitos de pátria e de nação têm origem e significados diferentes. É que o primeiro supõe o ato de concepção, enquanto que o segundo indica o de nascimento. Todavia, na sua evolução semântica, é um fato que eles se cruzam. A nação está na pátria, pelo que exige um território (real ou imaginário) e uma população. Em simultâneo, para se afirmar como um “nós”, ela ter-se-á de narrar como um destino sacral, ditado pelas origens. Por isso, todos os mitos estruturantes das identidades nacionais reivindicam uma “linhagem como fase da comunidade política”. E sabe-se que a pátria é o alfa fundador de todas as filiações étnico-culturais e políticas, matriz que age como um apelo, ou melhor, como uma herança, cujo dever de transmissibilidade acena para contornos escatológicos.^{XIV}

As elites políticas das antigas colônias ibéricas precisaram definir as características dos novos estados nacionais, após os processos de independência. A influência europeia e a ligação cultural com as metrópoles tornaram impossível o afastamento de características europeias na

PÁTRIA E NAÇÃO NA IMPRENSA PERIÓDICA MILITAR (1850-1882)

NASCIMENTO, F. S.

formação nacional dos novos países. A elite imperial brasileira procurou construir e definir uma identidade nacional a partir da ideia da civilização europeia nos trópicos. As tentativas de legitimação do ideal nacional desdobraram-se em estratégias autônomas na produção discursiva das elites ao longo do século XIX, na busca de definir o ideal nacional ancorado na oposição à Portugal, na singularidade nacional e na edificação de uma civilização europeia nos trópicos.^{XV}

O regresso conservador e a maior centralização política ocorrida no auge do período imperial resultaram na emergência de um discurso mais nacional, desqualificando a temática de oposição a Portugal. Para Rohloff de Mattos, o maior triunfo dos saquaremas foi afastar a problemática nativista que insistia, com seu discurso, em opor brasileiros e portugueses. O afastamento desta temática foi fundamental para a consolidação do Estado imperial.^{XVI} A crise da escravidão, a partir da proibição oficial do tráfico de escravos pelo estado imperial, resultou na possibilidade de importação de imigrantes europeus para substituir o braço escravo.

Partindo-se da análise de conteúdo foram elaborados quadros de ocorrência de algumas palavras nos periódicos abarcados pela pesquisa. As palavras *honra*, *nação* e *pátria* foram analisadas no discurso dos periódicos e quantificadas. O que os redatores dos periódicos militares entendiam por pátria?

Os redatores muitas vezes conferem significados similares à nação e à pátria – mesmo com sua definição particular a pátria é identificada com a nação em diversos momentos. Mas, em alguns casos, as definições indicam algumas diferenças sutis entre os vocábulos, indicando uma diferença de concepção. Esse padrão pode ser observado nos periódicos aqui estudados. Para os redatores de *O Militar Briosso* (1855), tanto a pátria quanto a nação precisam ser protegidas e precisam de força. A nação, assim como a pátria é exigente e exige, dos seus servidores, o tributo de sangue. A nação e a pátria só podem contar com os militares, pois esses são seus verdadeiros servidores. A pátria, assim como a nação, é honrada e o militar é filho da pátria. Logo, o militar é honrado pela relação estabelecida entre as partes. Um redator chegava à seguinte conclusão, em 1855:

O Militar serve à sua pátria e ao seu soberano pela consciência de que é digno de toda a consideração, que seus serviços serão justamente remunerados, que não jazerá no desprezo o mais insuportável: e é porque ele não tem sido devidamente lembrado, devidamente considerado, que não pode continuar a abafar em seu valoroso peito a ingratidão dos homens que monopolizam os direitos das diversas classes da sociedade e com especialidade da classe Militar.^{XVII}

Para os redatores, a pátria tem ligação com o poder do monarca; portanto, o militar serve a pátria e ao soberano. A intensa caracterização da classe militar está aqui constituída também: o militar é sacrificado, e seus serviços não são remunerados de forma justa. Vive, portanto, em uma situação negativa, pressionado pelo monopólio da classe política.

A relação com a pátria passa também pelo fortalecimento da instituição. Os redatores acreditam que somente através do fortalecimento e da valorização da instituição pode o Brasil se transformar em uma nação de primeira ordem. É a instituição militar, sintetizada no amor à pátria, que levará o Brasil ao esteio do progresso: “nossa pátria então marchará sempre no progresso e será certamente respeitada externa e internamente: todos serão felizes e o Brasil entrará como deve, na lista das nações de primeira ordem, o que não sucederá sem um bem organizado Exército, bem pago (...) e sobretudo satisfeito! Uma boa armada, com os mesmos requisitos, e respeito às leis”.^{XVIII}

Em linhas gerais, os redatores de *O Militar Briosso* entendem que um exército existe para servir à pátria; sem um exército, a pátria não tem condições de existir. No entanto, a pátria é

PÁTRIA E NAÇÃO NA IMPRENSA PERIÓDICA MILITAR (1850-1882)

NASCIMENTO, F. S.

uma entidade feminina, é mãe; a pátria é também família. A pátria possui honra, possui entranhas, possui também sangue; a pátria soluça e chora, possui características humanizadas. A pátria é honrada, e o militar é filho da pátria. Logo, o militar é honrado pela relação estabelecida, e é o sustentáculo da ordem e filho da honra. Por ser seu único defensor, o militar é o filho mais querido da pátria, etorna-se sua única esperança nos momentos de crise. Logo, a profissão militar pressupõe dedicação e amor incondicional à pátria. Por fim, a pátria pressupõe cidadania, a pátria é o lugar de nascimento, repouso da família.

A ligação da pátria com sentimentos interiorizados de maternidade e feminilidade confere um status psicológico à sua existência: a pátria chora, sofre, precisa ser defendida, e, ao mesmo, tempo, amada e protegida. Com estas características, não faz sentido morrer pela nação ou pelo Estado, e, sim, pela pátria. Em contrapartida, a nação possui limites territoriais que precisam ser respeitados; o chefe da nação é o Imperador; a nação é política e econômica. Indica também o outro: as nações mundiais. A nação precisa do patriotismo para existir:

O nosso comercio está quase na totalidade entregue aos estrangeiros como todos sabem e veem; daqui segue-se que quase todos os brasileiros estão na dependência dos estrangeiros, e que os governos que no sistema representativo dependem do povo (que depende do estrangeiro) depende também do estrangeiro; esta dependência para o estrangeiro quer dos governantes quer dos governados obsta o **desenvolvimento do patriotismo, e a nação sem patriotismo, de nação só tem o nome**; isto quer dizer em termos claros, que por não termos nacionalizado o nosso comércio, o Brasil deixou de ser Colônia de Portugal para ser Colônia Universal” [grifos do autor].^{XIX}

Nesta passagem, os conceitos de pátria e nação se cruzam: a nação é política e econômica, mas seu *espírito* é patriótico. Portanto, para os autores, uma nação só existe com patriotismo, ou seja, ela está na pátria. O lugar da nação e da pátria tem relação com a perspectiva populacional e territorial, pois uma pátria exige um território, pela própria definição dos autores.

O militar serve à nação, mas seu amor é pela pátria; a nação não é humanizada, não possui características humanas como a pátria. A nação é progresso, é civilização, é política e economia. A nação encerra-se politicamente, enquanto a pátria mantém suas características sentimentais:

(...) e quando sua pátria gema na opressão, uma voz interna que bem alto lhe vibrará no fundo do coração – És cidadão de tal país, tua pátria vive na opressão, teus parentes são escravos, e então este cosmopolita deixará de assim se apelar e ainda que sua boca diga – patria mea est non ubi nascor, sed ubi pascor – seu coração bradará, minha pátria é o Brasil, minha pátria sofre, eu devo pugnar por ela [grifos do autor].^{XX}

À pátria são conferidas características sentimentais: a pátria geme e vive na opressão; no homem militar, o amor à pátria desperta um sentimento no fundo do coração. A pátria é o Brasil. Utilizando o provérbio romano, o autor define a pátria como territorial, como lugar de pertença familiar. Nação e pátria se confundem. Mas, embora a nação também exija o serviço do homem militar, é somente pela pátria que se morre.

No mesmo período, os redatores de *O Militar* (1854) chegaram a conclusões similares. No entanto, a definição de *O Militar* está mais relacionada à pátria como entidade incondicional da instituição militar, ou seja, refere-se mais ao *ser* militar e à relação do militar com pátria. Para os redatores, o militar é o defensor e o garantidor legítimo da pátria, e é distinto pela nobreza de caráter. O soldado é também garantidor da tranquilidade pública e mantenedor da integridade do Império. O vínculo com a instituição sobressai na escrita dos redatores. Os textos são escritos com “a franqueza e sinceridade que é inerente à nobreza de caráter que distingue a mui honrosa

PÁTRIA E NAÇÃO NA IMPRENSA PERIÓDICA MILITAR (1850-1882)

NASCIMENTO, F. S.

profissão de defensor da pátria”.^{XXI}

Os exemplos históricos seguidamente são usados para demonstrar vínculos com o amor pátrio no passado. É assim que os redatores de *O Militar* apresentam gregos e romanos como exemplos de povos guerreiros, que valorizaram a casta militar. O heroísmo destes povos só poderia ser fruto do amor pela pátria:

Porque houve tanto heroísmo nesses séculos remotos? Porque apareceram tão grandes homens? Porque tanto se elevaram essas antigas nações? Porque o amor da pátria era o primeiro e o mais sagrado sentimento de seus filhos. Porque elas souberam engrandecer e honrar a Classe Militar, e as recompensas a ela dadas eram próprias e dignas de homens que sabiam reconhecer e premiar mérito.^{XXII}

A pátria também é mãe, mas o melhor dos seus filhos é o militar. De acordo com a definição dos redatores de *O Militar Briosso*, a pátria é uma mãe exigente que cobra os serviços dos seus filhos. A pátria não é necessariamente território, mas sim lugar do núcleo familiar. Por outro lado, a nação é identificada com características políticas. Para os redatores de *O Militar*, a nação brasileira surgiu com a Independência, quando o laço com a coroa portuguesa foi desfeito. A nação possui instituições e comporta também tradições. No entanto, a nação não tem as características maternas e sentimentais da pátria. Observa-se também uma sobreposição de definições: a nação, assim como a pátria, também exige o sacrifício dos homens militares. A nação só pode existir, em última instância, com a presença do elemento militar: “mas a história prova-nos que uma nação não pode ser verdadeiramente grande e livre senão quando o exército que lhe serve de apoio tivera força e a disciplina necessárias; e possuir uma instrução que esteja ao nível dos progressos do seu século”.^{XXIII}

Os militares, portanto, adquirem aqui uma posição especial em relação a outras classes do Império: sua ligação íntima com a pátria (quase uma ligação familiar adquirida de forma simbólica) os torna superiores. Um redator de *O Militar Briosso* assim perguntava aos seus leitores: “Por que razão sendo a profissão das armas uma profissão toda de dedicação, sendo ela a em que os filhos da pátria fazem a oferta de todos os seus cômodos em prol do país, hão de todos sem exceção de classes, pagarestes tributo de sangue à nação?”.^{XXIV} Um dos objetivos do periódico *O Soldado e o Marinheiro* era comprovar que muitos militares haviam “consagrado [a vida] em sacrifício da pátria” enquanto outros, pelos seus erros políticos, especulavam “com as dores da pátria”.^{XXV}

A ligação da pátria com o progresso tem relação também com as concepções de civilização e de Estado-Nação do século XIX. O desenvolvimento das nações era uma fase de progresso, e a evolução humana se inseria na concepção cientificista do evolucionismo. O progresso e o desenvolvimento das nações eram um objetivo a se alcançar, um estágio a completar, na ótica liberal do século XIX.

Em 1869, o redator de *O Soldado e o Marinheiro* também definia a pátria como uma entidade feminina, dotada de capacidades emocionais. A pátria é um culto cuja imagem se reflete no soldado; a classe militar é a única apta para morrer pela pátria. Em um texto intitulado “A Ingratidão da Pátria”, o autor define aquilo que entende por pátria: “moralmente a pátria do homem é a totalidade dos indivíduos que pertencem à sua mesma nacionalidade”.^{XXVI} O redator acentua que mesmo entre indivíduos que pertencem ao mesmo grupo existem aqueles que são diferentes. E estes indivíduos excepcionais se diferenciam, justamente, pela abnegação em diversas situações. “Entre todos os mártires cada classe teve sempre o seu representante; porém, aquela em que todos são mártires é a classe militar”.^{XXVII} O soldado ou o marinheiro é um homem excepcional que sacrifica até a própria existência pela bandeira. No entanto, depois que o inimigo é derrotado, e o soldado e o marinheiro terminam seu serviço, não lhes é possível ter uma vida digna e honrada. Se general, também vive amesquinhado. Para o autor, a classe

PÁTRIA E NAÇÃO NA IMPRENSA PERIÓDICA MILITAR (1850-1882)

NASCIMENTO, F. S.

política é ingrata, pois não reconhece os sacrifícios da classe militar.

Um dos objetivos de um articulista do *Indicador Militar*, em 1862, era “infiltrar e fortificar em (...) corações noveis o amor da pátria, do trono e da nobre classe a que pertencemos”.^{XXVIII} O oficial ficou responsável por reunir uma série de frases chamadas “Máximas e Pensamentos”, um apanhado de fundo moralizante educador. As máximas tinham, em geral, seis ou sete linhas, não sendo superiores a um parágrafo. O oficial tencionava incutir ensinamentos que aprendeu em sua longa carreira aos oficiais mais novos. Ocupava, em geral, meia folha, e servia de encerramento das edições do *Indicador Militar*, sendo publicada em quase todos os números. Seu autor era Patrício Sepúlveda Everard, Brigadeiro do Exército, e, provavelmente, um dos militares mais antigos da instituição: sentou praça em janeiro de 1812 e, desde então, era militar. Formado pela Escola Militar, ocupava, em 1861, um cargo comissionado no Arquivo Militar do Rio de Janeiro. Em algumas publicações, o brigadeiro se excede, e as máximas tornam-se pequenos textos. Embora de tom moralizante e educativo, as máximas servem também como pequenas críticas à administração do Exército em si. Perguntava-se o oficial em uma das edições do periódico: “E essa pátria será mais desnaturada que menospreze tão acrisolada dedicação, tão dolorosos sacrifícios? Não, por certo; confiemos que ela acudirá sempre ao soldado; e quando ele sucumba, adotará sua família, pois assim devemos esperar da justiça dos que a representam, e da munificência daquele que por felicidade nossa dirige seus destinos”.^{XXIX}

Logo, a pátria deveria ter ainda a capacidade de atender às necessidades das famílias militares, como forma de agradecimento pelo sacrifício efetuado. No entanto, a realidade era bastante diversa: embora os textos clamassem pela ajuda da pátria de forma romântica e ingênua – como nos casos das “Máximas e Pensamentos” de Everard, na prática essa ajuda não existia. O governo imperial não destinava uma renda necessária para a manutenção de viúvas de militares, e a pensão que recebiam era bastante pobre.

A pátria também era capaz de despertar nos homens militares sentimentos profundos, como reconhece um articulista do *Indicador Militar* (1862):

(...) por apanágio a honra, a defesa da pátria e a abnegação não só das nossas mais caras afeições, como de todos os cômodos da vida, desse nome que tanto me seduziu na minha mocidade, e que ainda hoje ao me lembrar dele, me orgulho de ser soldado, militar, enfim.^{XXX}

A defesa da pátria fazia parte de um apanágio de ideias juntamente com a honra e a abnegação, características que definiam o homem militar. A lembrança de tais características e a razão de se tornar militar – o amor e a defesa da pátria – ufanam o articulista, que se orgulha de ter escolhido a profissão das armas.

Embora os redatores se esforçassem para descrever as relações da pátria como instituição militar – e mesmo as definições de pátria e nação ao longo dos textos, as relações com uma tradição nacional não foram criadas. A existência do Exército brasileiro era vista como consequência da separação de Portugal. Os militares, sempre patriotas, não estavam buscando construir as raízes dessa associação. Esforçavam-se, portanto, em compreendê-la, mas não em julgar-lhe características de nascer.

Os redatores não estavam, portanto, construindo um discurso nacional, ou buscando elementos para a legitimação do discurso; mas estavam fazendo a ligação da pátria – e da nação – com a instituição militar. Ao mesmo tempo em que o patriotismo e o amor pela pátria eram – e ainda são – um elemento formador do militar, a necessária defesa da pátria legitimava a função e a existência da instituição militar. A exceção era feita em relação aos símbolos e elementos

PÁTRIA E NAÇÃO NA IMPRENSA PERIÓDICA MILITAR (1850-1882)

NASCIMENTO, F. S.

essencialmente militares, como a farda. O uniforme militar representava, ao mesmo tempo, símbolo da classe militar, mas também símbolo dos defensores da pátria, dos filhos mais amados. Ao menos, assim compreendia um redator de *O Militar* (1854), que lembra aum oficial que “a farda de defensor da Pátria enobrece e não avilta”.^{XXXI}

Outro símbolo identificado neste período era a bandeira. Em 1862, Vicente Piragibe, diretor do *Indicador Militar*, escreveu um texto dedicado somente à bandeiraimperial e a seus significados. O texto inicia com um poema de D. Luís Rivera sobre a importância da bandeira no campo de batalha. Em seguida, Piragibe entende que “a bandeira que um povo adota quando se constitui Estado independente é o símbolo da nacionalidade desse povo; é o sobrescrito de sua carta de emancipação social; é o sinal característico de sua independência, de sua soberania, no grêmio da grande sociedade das nações”.^{XXXII} Para o autor, a presença da bandeira nacional em solo estrangeiro traz à lembrança do soldado a figura da pátria que germina uma energia moral do patriotismo e da dedicação cívica. A bandeira representa a pátria, e esse é o único pensamento que o soldado deve acalentar no campo de batalha. A bandeira nacional é, para Piragibe, um símbolo pátrio, mas acima de tudo, um símbolo também militar: “Entre nós, os militares brasileiros, felizmente a crença na religião do estandarte sagrado da pátria tem-se cada vez mais fortificado, adesperto da lepra do egoísmo que tem contaminado a sociedade em geral e – com dor o dizemos – as nossas mesmas fileiras”.^{XXXIII} A pátria adquire, assim, características religiosas, coincidindo com a imagem criada pela Revolução Francesa. A pátria, assim como a honra, ganha status de culto, e o soldado é seu maior devoto.

Os redatores não buscaram criar ou inventar tradições militares neste período. As tradições do Exército brasileiro datam já do período republicano, sobretudo durante a década de 1930, após a criação da Academia das Agulhas Negras. Para Celso Castro, a relação entre Exército e nação buscou, no campo simbólico, afastar a instituição dos conflitos políticos e ideológicos da sociedade, estando, portanto, numa esfera maior de ação, acima de brigas e distensões durante os anos 1930.^{XXXIV} É possível observar também a construção das origens da instituição no início do período republicano, sobretudo quando os militares passam a escrever a história da própria instituição.^{XXXV}

Em 1881, as definições não mudaram muito. Já na primeira edição de *O Soldado*, os redatores deixam claro que “nós [militares] que somos os legítimos defensores da pátria; nós, que constituímos a garantia da ordem; nós, que somos os sustentáculos da dignidade e honra nacionais”.^{XXXVI} Os redatores se colocam ao mesmo tempo como defensores e como sustentáculos da dignidade nacional.

O contexto social e político da década de 1880 faz com que tanto os redatores de *O Soldado* quanto da *Tribuna Militar* voltem seus periódicos para outros grupos, além do grupo militar. A *Tribuna Militar* foi um periódico voltado às classes militares e aos interesses gerais do país. *O Soldado* conclama a todo tempo “o povo”, embora não defina quem ou o que faz parte do “povo”. Em uma das edições de *O Soldado*, o redator sugere que o povo e os militares precisam ser companheiros na luta e na glória. É necessário “acudir aos reclamos da pátria, porque representamos a sua legítima soberania; e no dia em que o sufrágio universal decidir da sorte dos governos, nós seremos os árbitros: manifestaremos com o voto a opinião sincera do país”.^{XXXVII} Os militares, além de serem descritos como os únicos representantes e filhos da pátria, representam ainda a legítima soberania política. O autor acusa ainda que as classes políticas se querem elevar por títulos, mas que tais títulos não nobilitam nem o caráter, nem a honra de cada um. A honra, como bem lembrado, é um caráter próprio, digno dos defensores da pátria. Para o autor, aquele que se ilude com títulos não pode corresponder à confiança que lhe delega uma nação. “O homem do governo não deve ter ilusões nem vícios, para que no poder

PÁTRIA E NAÇÃO NA IMPRENSA PERIÓDICA MILITAR (1850-1882)

NASCIMENTO, F. S.

não sirva de instrumento daquelas, nem de patrono destes”.^{XXXVIII}

Em *O Soldado*, uma série de cartas destinadas a D. Pedro II são frequentemente publicadas. As cartas não são assinadas, mas seu remetente assume a alcunha de *Soldado*. Ao referir-se somente como *Soldado*, o remetente traz consigo, simbolicamente, toda a classe militar. A referência ao soldado aproxima o redator de seu público, e o afasta, também simbolicamente, da relação com o oficialato. O soldado é semelhante ao povo, e por isso representa a totalidade da instituição. O redator manda uma mensagem a Pedro II: “Senhor, o dia da vitória se aproxima para as classes militares e para o povo, estas vítimas que sofrem os golpes terríveis dos maus governos, e que assistem a degradação desta pátria, que um dia será erguida pelo próprio valor”.^{XXXIX} A pátria, portanto, é degradada não pelo povo ou pela classe militar, mas pelo grupo que domina a política.

Os redatores de *O Soldado* possuem duas definições para a pátria: “E a Pátria? A Pátria não é vista, está por detrás do trono; só aparece quando algum terremoto ameaça destruir o trono onde ela se esconde. Ela é Santa Bárbara invocada na ocasião da guerra”.^{XL} Em outro trecho, assinalam os redatores que “a Pátria não é propriedade nem deste nem daquele; ela pertence a todos, não só aqueles que tiveram nela o berço, como aos que vem conviver conosco”.^{XLI} Aqui, duas assertivas interessantes. A pátria configura-se como algo abstrato, que não pode ser visto, no entanto, permanece por detrás do trono, mantendo assim alguma relação com a figurapolítica da monarquia. Não exige também a condição de nascimento, somente de morada. A pátria é territorial, portanto, tem relação com um sentimento de pertença ao território. A relação com Santa Bárbara invoca uma característica militar: a Santa é padroeira dos artilheiros por ser a protetora de raios e tempestades, na tradição portuguesa.

A nação também não escapou aos redatores de *O Soldado*. Assim, como nos outros periódicos, a nação é um ente político cujo representante maior é o imperador. A nação é formada pelo povo, e os militares são os defensores da integridade territorial da nação. Em maio de 1881, os redatores promoveram um teatro beneficente em favor de um Voluntário da Pátria que voltou mutilado dos campos do Paraguai, chamado Manoel Antônio da Silva. A campanha e a venda de ingressos movimentaram a redação do periódico. Silva era um herói, e representava a nação: “O herói que hoje beneficiamos simboliza uma nação; os esforços que empreendemos em seu favor vão recair no regaço da mãe pátria; olhai para ele: é um povo; vede esse povo: é uma nação; reparai nessa nação: É o Brasil!”.^{XLII} Assim como com a pátria, a nação é o povo e os militares.

No mesmo período, um correspondente da *Tribuna Militar*, em Ouro Preto, escrevia que “que não tenho partido... amo sobretudo a minha pátria e aos grandes vultos que a engrandecem ou a engrandeceram e sou adepto daqueles que por ela se sacrificaram e se sacrificam”.^{XLIII} Para o autor, a pátria figura como seu único interesse político. Sendo militar, seu respeito era devido aos homens que, como ele, se sacrificavam pela pátria. Em outra passagem do mesmo periódico, o redator considerava o soldado brasileiro o maior patriota entre todas as nações mundiais: “Pode haver país no mundo que se ufane de ter bons soldados, valentes e resignados; porém, não de permitir aos que nenhuma excede em dedicação e amor à pátria ao soldado brasileiro”.^{XLIV} A justificativa, claro, repousava na ação de soldados brasileiros na Guerra do Paraguai, especialmente no episódio ali narrado que se passou em Curupaiti.

As assertivas na *Tribuna Militar* já não são tão contundentes ou tão frequentes a razão pode estar em sua administração: a *Tribuna* era um periódico voltado para outros interesses, além da classe militar. Como referido em nosso segundo capítulo, entre textos militares, a *Tribuna* publicava também folhetins, notícias diárias do Rio de Janeiro e anúncios. Ainda assim, não escapou aos redatores da *Tribuna* que a pátria tinha, também, maus filhos: “Isso pode ser patriotismo para os maus filhos do país, para aqueles que pelos interesses de uma política

PÁTRIA E NAÇÃO NA IMPRENSA PERIÓDICA MILITAR (1850-1882)

NASCIMENTO, F. S.

desregrada não duvidam sacrificara honra da pátria”.^{XLV} Os políticos, portanto, eram uma classe disposta a sacrificar a sagrada honra da pátria.

Conclusão

Portanto, o principal objetivo dos redatores dos periódicos da segunda fase da imprensa militar parece ser construir a ligação entre a pátria/nação e a própria instituição militar. O discurso, ao longo do tempo, não parece possuir grandes variações, girando, principalmente, em torno de três ideias-chave, naquilo que concerne à pátria: a) o tributo de sangue é uma exigência da pátria; b) o amor do militar pela pátria o caracteriza como membro da instituição; c) é a instituição militar a única capaz de defender a pátria, logo, sua existência é necessária. No caso da nação, a percepção é política, ligada principalmente à compreensão da nação como ente político. Em alguns pontos, nação e pátria se encontram, sendo quase sinônimos, sobretudo em relação à ligação do Exército com a nação e a necessidade de sua defesa.

A imprensa forneceu o meio necessário para a institucionalização de um discurso sobre a classe militar e a própria instituição militar, durante o Segundo Reinado. A imprensa militar configura-se, portanto, como um importante espaço público de discussão e debates, utilizada largamente por militares, durante o século XIX. A imprensa é, assim, dotada de grande importância, nesse período. Os militares buscaram destacar não apenas as características da classe militar, mas a própria função da instituição militar, em uma nação soberana. O discurso visa, nesse sentido, atribuir também o papel e a função do Exército na sociedade.

Em *O Militar* (1854), os redatores entendem os exércitos permanentes como necessidade dos estados. Exércitos organizados e numerosos são, portanto, necessários para obter e conservar a paz interna e externa. Para os redatores de *O Soldado* (1881), era “nos exércitos bem organizados que estão a segurança e garantia das nações”.^{XLVI} O atributo de defesa da nação era, portanto, geral no discurso dos redatores do periódico. A função militar e a necessidade de sua existência ganhavam ênfase, não apenas para os redatores, mas também para a própria institucionalização do Exército imperial. Coincidia, assim, com a formação da classe militar e do discurso necessário à sua legitimação.

Notas

^I Doutora em História pela PUCRS. Membro do GT de História Militar da ANPUH – RS. Email: fernandaisrael@gmail.com

^{II} NASCIMENTO, Fernanda de Santos. A imprensa periódica militar no século XIX: política e modernização no exército brasileiro (1850-1881). Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC, 2015.

^{III} *O Militar*, ano I, edição n. 3, de 12 de agosto de 1854, p. 2.

^{IV} CASTRO, Celso. *Os militares e a república: um estudo sobre cultura e ação política*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995, p. 97.

^V *Indicador Militar*, ano I, edição n. 10, de 16 de maio de 1862, p. 159.

^{VI} FEBVRE, Lucien. *Honra e Pátria*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1998, p. 60.

^{VII} FEBVRE, op. cit., p. 151.

^{VIII} CATROGA, Fernando. *Pátria e Nação*. In: VII Jornada setecentista, 2007. Disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/portal/cedope/files/2011/12/P%C3%A1tria-e-Na%C3%A7%C3%A3o-Fernando-Catroga.pdf> Acesso em 15 nov. 2023.

^{IX} *O Militar*, ano I, edição n. 4, de 26 de agosto de 1854, p. 4.

^X *Indicador Militar*, ano I, edição n. 10, de 16 de maio de 1862, p. 175.

^{XI} ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São

PÁTRIA E NAÇÃO NA IMPRENSA PERIÓDICA MILITAR (1850-1882)

NASCIMENTO, F. S.

Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 32.

^{XII} Um panorama geral das correntes de estudos sobre o nacionalismo pode ser encontrado em SOBRAL, José Manuel. A formação das nações e o nacionalismo: os paradigmas explicativos e o caso português. *Análise Social*, vol. XXXVII, 2003, p. 1093-1126 e também em CURTO, Ramada et al. Nações e nacionalismos (a teoria, a história, a moral). *Tempo Social*, vol. 24, n. 2, 2012, p. 33 a 58.

^{XIII} HOBBSBAWN, Eric. Nações e Nacionalismo desde 1780. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 11 e seguintes.

^{XIV} CATROGA, op. cit., p. 11.

^{XV} BERBEL, op. cit., p. 357.

^{XVI} MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O Tempo Saquarema*. São Paulo: Hucitec, 2004, p. 164.

^{XVII} *O Militar Briosso*, ano I, edição n. 1, de 28 de fevereiro de 1855, p. 2.

^{XVIII} *O Militar Briosso*, ano I, edição n. 7, de 11 de abril de 1855, p. 2.

^{XIX} *O Militar Briosso*, ano I, edição n. 8, de 21 de abril de 1855, p. 5.

^{XX} *O Militar Briosso*, ano I, edição n. 16, de 3 de julho de 1855, p. 3. A citação em latim pode ser grosseiramente traduzida como “minha pátria não é onde nasci, mas onde me alimento”.

^{XXI} *O Militar*, ano I, edição n. 1, de 14 de julho de 1854, p. 4.

^{XXII} *O Militar*, ano I, edição n. 5, de 12 de setembro de 1854, p. 6.

^{XXIII} *O Militar*, ano I, edição n. 20, de 19 de maio de 1855, p. 7.

^{XXIV} *O Militar Briosso*, ano I, edição n. 16, de 3 de julho de 1855, p. 3.

^{XXV} *O Soldado e o Marinheiro*, ano I, edição n. 1, de 9 de outubro de 1869, p. 2.

^{XXVI} *O Soldado e o Marinheiro*, ano I, edição n. 1, de 9 de outubro de 1869, p. 2.

^{XXVII} *O Soldado e o Marinheiro*, ano I, edição n. 1, de 9 de outubro de 1869, p. 3.

^{XXVIII} *Indicador Militar*, ano I, edição n. 4, de 16 de Fevereiro de 1862, p. 66.

^{XXIX} *Indicador Militar*, ano I, edição n. 10, de 16 de maio de 1862, p. 176.

^{XXX} *Indicador Militar*, ano I, edição n. 7, de 1º de abril de 1862, p. 105.

^{XXXI} *O Militar*, ano I, edição n. 15, de 8 de março de 1855, p. 7.

^{XXXII} *Indicador Militar*, ano I, edição n. 10, de 16 de maio de 1862, P. 155.

^{XXXIII} *Indicador Militar*, ano I, edição n. 10, de 16 de maio de 1862, P. 157.

^{XXXIV} CASTRO, Celso. *Exército e Nação: Estudos sobre a história do Exército Brasileiro*. Rio de Janeiro: FGV, 2012, p. 118.

^{XXXV} NASCIMENTO, Fernanda de Santos. Exército e Nação: A construção da nacionalidade brasileira e os militares. In: *Anais do I Circuito de Debates Acadêmicos do IPEA*. Disponível em <http://www.ipea.gov.br/code2011/chamada2011/pdf/area6/area6-artigo4.pdf> Acesso em 12 dez. 2023.

^{XXXVI} *O Soldado*, ano I, edição n. 1, de 13 de março de 1881, p. 1.

^{XXXVII} *Tribuna Militar*, ano I, edição n. 17, de 28 de agosto de 1881, p. 2.

^{XXXVIII} *O Soldado*, ano I, edição n. 3, de 22 de março de 1881, p. 2.

^{XXXIX} *O Soldado*, ano I, edição n. 6, de 1 de abril de 1881, p. 1.

^{XL} *O Soldado*, ano I, edição n. 7, de 5 de abril de 1881, p. 1.

^{XLI} *O Soldado*, ano I, edição n. 18, de 13 de maio de 1881, p. 3.

^{XLII} *O Soldado*, ano I, edição n. 18, de 13 de maio de 1881, p. 3.

^{XLIII} *Tribuna Militar*, ano I, edição n. 8, de 28 de julho de 1881, p. 2.

^{XLIV} *Tribuna Militar*, ano I, edição n. 27, de 2 de outubro de 1881, p. 3.

^{XLV} *O Soldado*, ano I, edição n. 3, de 22 de março de 1881, p. 1.

^{XLVI} *O Soldado*, ano I, edição n. 11, de 19 de abril de 1881, p. 1.

Referências Bibliográficas

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 32.

CASTRO, Celso. *Os militares e a república: um estudo sobre cultura e ação política*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995, p. 97.

CASTRO, Celso. *Exército e Nação: Estudos sobre a história do Exército Brasileiro*. Rio de

PÁTRIA E NAÇÃO NA IMPRENSA PERIÓDICA MILITAR (1850-1882)

NASCIMENTO, F. S.

Janeiro: FGV, 2012,

CATROGA, Fernando. *Pátria e Nação*. In: VII Jornada setecentista, 2007. Disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/portal/cedope/files/2011/12/P%C3%A1tria-e-Na%C3%A7%C3%A3o-Fernando-Catroga.pdf> Acesso em 15 nov. 2023.

CURTO, Ramada et al. Nações e nacionalismos (a teoria, a história, a moral). *Tempo Social*, vol. 24, n. 2, 2012,

FEBVRE, Lucien. *Honra e Pátria*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1998, p. 60.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O Tempo Saquarema*. São Paulo: Hucitec, 2004, p. 164.

NASCIMENTO, Fernanda de Santos. A imprensa periódica militar no século XIX: política e modernização no exército brasileiro (1850-1881). Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC, 2015.

NASCIMENTO, Fernanda de Santos. Exército e Nação: A construção da nacionalidade brasileira e os militares. In: *Anais do I Circuito de Debates Acadêmicos do IPEA*. Disponível em <http://www.ipea.gov.br/code2011/chamada2011/pdf/area6/area6-artigo4.pdf> Acesso em 12 dez. 2023.

HOBSBAWN, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

SOBRAL, José Manuel. A formação das nações e o nacionalismo: os paradigmas explicativos e o caso português. *Análise Social*, vol. XXXVII, 2003.

A Tribuna Militar (1881-1882)

O Soldado (1881)

O Soldado e o Marinheiro (1869)

O Militar (1854/1855)

O Militar Briosso (1855)

Indicador Militar (1862)